REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

# CONTAMINADOS PELA ANOMIA: A MORTE SOCIAL DE EX-MEMBROS REMOVIDOS DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

## *CONTAMINADOS POR LA ANOMIA: LA MUERTE SOCIAL DE EXMIEMBROS REMOVIDOS DE LOS TESTIGOS DE JEHOVÁ*

## *CONTAMINATED BY ANOMIE: THE SOCIAL DEATH OF FORMER MEMBERS REMOVED FROM JEHOVAH'S WITNESSES*

James Washington Alves dos SANTOS[1]
e-mail: james.washington@ifal.edu.br

Géssica Figueiredo Matias SIQUEIRA[2]
e-mail: gessica.matias96@gmail.com

**Como referenciar este artigo**:

SANTOS, James Washington Alves dos; SIQUEIRA, Géssica Figueiredo Matias. Contaminados pela anomia: a morte social de ex-membros removidos das Testemunhas de Jeová. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 26, n. 00, e026004, 2026. e-ISSN: 2359-2419. DOI: 10.47284/cdc.v26i00.20632.

| **Submetido em**: 02/12/2025
| **Revisões requeridas em**: 18/05/2026
| **Aprovado em**: 24/07/2026
| **Publicado em**: 07/10/2026

**Editores-chefes**: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Paulo José de Carvalho Moura

[1] Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Maceió – Alagoas (AL) – Brasil. Professor de Sociologia e pesquisador na área de Sociologia da Religião. Membro colaborador de Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGS/UFAL).

[2] Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – Alagoas (AL) – Brasil. Mestranda e pesquisadora em Sociologia da Religião pelo PPGS/UFAL. Técnico administrativo do Centro de Ciência Agrárias (CECA/UFAL).



(cc) BY-NC-SA

**RESUMO**: Este artigo propõe analisar o conceito de anomia em Émile Durkheim aplicado à experiência de ex-membros das Testemunhas de Jeová submetidos ao processo de remoção, prática formal de expulsão e ostracismo institucionalizado no interior do movimento religioso. A investigação parte da seguinte questão: em que medida a remoção nas Testemunhas de Jeová pode ser compreendida, à luz de Durkheim, como produtora de condições anômicas? A partir de uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, o estudo utiliza como principal procedimento metodológico entrevistas em profundidade com dissidentes do grupo religioso, buscando compreender as implicações sociais e identitárias do ostracismo. Nesse contexto, argumenta-se que a ruptura e o ostracismo vivenciados podem gerar experiências de perda de sentido e isolamento social, aproximando-se da noção de anomia formulada por Durkheim. Em situações extremas, tais condições podem culminar em sofrimento psíquico intenso e ideação suicida, interpretados, neste trabalho, à luz da categoria de suicídio anômico.

**PALAVRAS-CHAVE**: Anomia. Remoção. Ostracismo religioso. Morte social. Testemunhas de Jeová.

***RESUMEN***: *Este artículo se propone analizar el concepto de anomia de Émile Durkheim aplicado a la experiencia de exmiembros de los Testigos de Jehová sometidos al proceso de expulsión, una práctica formal de ostracismo institucionalizado dentro del movimiento religioso. La investigación parte de la siguiente pregunta: ¿hasta qué punto puede entenderse la expulsión dentro de los Testigos de Jehová, a la luz de Durkheim, como generadora de condiciones anómicas? Mediante un enfoque cualitativo inspirado en la etnografía, el estudio emplea entrevistas en profundidad con disidentes del grupo religioso como su principal procedimiento metodológico, buscando comprender las implicaciones sociales y de identidad del ostracismo. En este contexto, se argumenta que la ruptura y el ostracismo experimentados pueden generar sentimientos de pérdida de sentido y aislamiento social, acercándose a la noción de anomia formulada por Durkheim. En situaciones extremas, tales condiciones pueden culminar en un intenso sufrimiento psíquico e ideación suicida, interpretados en este trabajo a la luz de la categoría de suicidio anómico.*

***PALABRAS CLAVE***: *Anomia. Remoción. Ostracismo religioso. Muerte social. Testigos de Jehová.*

***ABSTRACT***: *This article proposes to analyze Émile Durkheim's concept of anomie as applied to the experience of former Jehovah's Witness members subjected to the removal process, a formal practice of expulsion and institutionalized ostracism within the religious movement. The investigation begins with the following question: to what extent can removal within Jehovah's Witnesses be understood, in light of Durkheim, as producing anomic conditions? Using a qualitative approach inspired by ethnography, the study employs in-depth interviews with dissidents from the religious group as its main methodological procedure, seeking to understand the social and identity implications of ostracism. In this context, it is argued that the rupture and ostracism experienced can generate feelings of loss of meaning and social isolation, approaching the notion of anomie formulated by Durkheim. In extreme situations, such conditions can culminate in intense psychic suffering and suicidal ideation, interpreted in this work in light of the category of anomic suicide.*

***KEYWORDS***: *Anomie. Removal. Religious ostracism. Social death. Jehovah's Witnesses.*


(cc) BY-NC-SA

## Introdução

> E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, você? você que é sem nome, que zomba dos outros, você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José? [...] E agora, José? Sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio — e agora? (Andrade, 1942).

José está sentado diante de três homens. Todos vestem ternos pretos, camisas sociais e gravatas. As expressões são solenes, quase impassíveis. A sala é pequena, silenciosa, mal ventilada. Não há sorrisos tampouco palavras de conforto. Apenas perguntas — muitas perguntas. Esses homens, anciãos[3] da congregação[4], querem saber sobre a vida íntima dele, os vínculos afetivos dele, pensamentos mais recentes dele. Questionam se ele mantém contato com pessoas de fora da congregação. Querem saber se ele tem dúvidas quanto às orientações do Corpo Governante[5] — o grupo central que, ainda que fisicamente distante, exerce autoridade quase que incontestável sobre a doutrina e o cotidiano dos fiéis.

Ao fim da audiência, pedem que ele se retire. O silêncio do corredor contrasta com a tensão da sala. Atrás da porta fechada, ocorre a deliberação. Não há advogados, testemunhas de defesa ou direito ao contraditório. Minutos depois, José é chamado de volta. O veredito é breve e incontornável: ele não é mais um Testemunha de Jeová. Na reunião seguinte, o nome dele completo é anunciado diante da congregação. Nenhuma justificativa. Nenhuma explicação. Apenas a frase, dita com frieza cerimonial: "[Nome completo] não é mais uma Testemunha de Jeová." Em seguida, um silêncio. Não um silêncio qualquer, mas um marcador simbólico. A congregação compreende: a partir daquele instante, José deve ser ignorado. Não será mais cumprimentado ou visitado.

Essa prática é conhecida como ostracismo religioso. Trata-se de um processo de isolamento — social e comunitário — imposto àqueles que deixam a organização dos Testemunhas de Jeová. A dor da separação não é abstrata, manifesta-se no cotidiano. Aos 43 anos, ou seja, em plena meia-idade, José não perdeu apenas uma crença. Perdeu a mãe, que deixou de atender as ligações dele. Os amigos de infância, que passaram a desviar o olhar ao o

[3] Homens que atuam como líderes e pastores da congregação local.
[4] Para os Testemunhas de Jeová, a congregação é a unidade local fundamental de sua organização mundial. Cada congregação é supervisionada por um corpo de anciãos e serve como o principal ponto de contato e interação para os membros.
[5] O Corpo Governante dos Testemunhas de Jeová é o grupo central de liderança da organização religiosa. Ele funciona como o órgão máximo de autoridade doutrinária, administrativa e organizacional dos Testemunhas de Jeová em todo o mundo.


(cc) BY-NC-SA

encontrar na rua. A própria congregação, que passou a tratá-lo como se estivesse morto. O anúncio de sua remoção teve o peso de um atestado de óbito em vida.

É importante ressaltar que o relato apresentado não corresponde à experiência literal de um sujeito específico, mas constitui uma cena etnográfica construída a partir de relatos, experiências e recorrências narrativas compartilhadas pelos entrevistados da pesquisa. Tal construção dialoga com a perspectiva de Perdigão e Sinder (2017), que compreendem a etnografia como um texto híbrido, no qual elementos da literatura, da ficção e da descrição etnográfica podem ser mobilizados como recursos analíticos para tensionar e problematizar as representações do real. Nesse sentido, a narrativa elaborada possui caráter analítico, ilustrativo e metodológico, permitindo condensar experiências recorrentes observadas ao longo da pesquisa, as quais serão discutidas no decorrer do artigo.

Sendo assim, o personagem ficcional, assim como diversos sujeitos ouvidos ao longo do estudo, foi expulso de uma comunidade religiosa marcada por intensos mecanismos de controle, vigilância e regulação moral, na qual vínculos afetivos, relações de confiança e uniões conjugais são estabelecidos, majoritariamente, entre membros do próprio grupo.

Privado dos papéis sociais e dos códigos de conduta que organizavam sua existência — enquanto homem, filho e servo religioso —, passa a experimentar uma profunda ruptura de pertencimento e orientação social. A remoção produz, assim, um estado de suspensão normativa, no qual antigas referências morais deixam de operar sem que novas formas de integração social sejam imediatamente constituídas. Nesse sentido, pode-se compreender tal experiência como uma condição anômica, nos termos formulados por Émile Durkheim (2020b) em sua obra "O suicídio", que define a anomia como resultado do colapso das regulações sociais que limitam "a moral humana dos desejos infinitos", gerando desorientação moral e perda de vínculos.

Cabe destacar que essa narrativa também estabelece interlocução com a trajetória de um dos pesquisadores que assinam este artigo, ex-integrante dos Testemunhas de Jeová por aproximadamente quatorze anos e que, após seu desligamento da organização, experienciou diretamente os efeitos do ostracismo religioso. Tal vivência constituiu um importante ponto de inflexão para o desenvolvimento da curiosidade científica que orienta esta investigação, impulsionando o interesse sociológico pelas estruturas de controle social, pertencimento e exclusão presentes no referido movimento religioso.

O contato com a obra *O suicídio* ocorreu no contexto da disciplina de Teoria Sociológica Clássica, cursada no programa de mestrado em Sociologia. A leitura da obra funcionou como


(cc) BY-NC-SA

uma provocação teórica, reforçando a compreensão de que categorias clássicas da Sociologia permanecem relevantes para a análise de problemas sociais contemporâneos. Desse modo, este estudo mobiliza criticamente conceitos como anomia, integração social e regulação moral para compreender os impactos sociais do ostracismo religioso entre ex-membros dos Testemunhas de Jeová, especialmente no que se refere à ruptura dos vínculos coletivos.

Para alcançar os objetivos propostos, esta investigação adotou uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, utilizando como principal procedimento metodológico entrevistas em profundidade realizadas com ex-membros removidos dos Testemunhas de Jeová. O acesso aos interlocutores ocorreu por meio da técnica "bola de neve" (*snowball sampling*), na qual os primeiros participantes indicaram outros sujeitos com trajetórias semelhantes. Ao todo, foram entrevistados oito dissidentes da organização religiosa. Como critérios de exclusão, optou-se por não incluir menores de idade e indivíduos que não tivessem pertencido formalmente ao grupo religioso, buscando assegurar rigor metodológico, coerência analítica e cuidados éticos compatíveis com o objeto investigado.

Os relatos coletados constituíram a base empírica da pesquisa e foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo temática, conforme os procedimentos sistematizados por Laurence Bardin (2016). O tratamento analítico dos dados envolveu as etapas de pré-análise com as transcrições dos áudios das entrevistas, exploração do material e interpretação dos resultados, permitindo identificar categorias recorrentes nas narrativas dos interlocutores e articulá-las ao referencial teórico mobilizado na investigação.

## A concepção durkheimiana da religião: do equilíbrio social à fonte do coletivo

Na busca por compreender o fenômeno religioso, Émile Durkheim concebia a religião como uma instituição central para a manutenção da ordem social, operando como mecanismo de coesão e disciplina coletiva. Para o autor, é por intermédio da religião que se constituem as categorias fundamentais responsáveis por estruturar as formas de pensamento e organização da vida em sociedade (Weiss, 2012).

Isso o levou a rejeitar definições que associavam a religião exclusivamente ao sobrenatural ou à crença em divindades. Durkheim argumenta que tais critérios não se aplicam a todas as religiões, citando o budismo como exemplo de sistema religioso sem deuses. Assim, mais do que o conteúdo das crenças, o que lhe interessa é o modo como elas são racionalizadas


(cc) BY-NC-SA

e atualizadas nas práticas coletivas (Durkheim, 2000a). A partir disso, Émile Durkheim (2000a) propõe uma definição sociológica da religião como um sistema solidário de crenças e práticas relativas ao sagrado — aquilo que é separado e interdito — em oposição ao profano, associado à esfera cotidiana. Esse sistema une os indivíduos em uma comunidade moral denominada "igreja", compreendida não como uma instituição física, mas como uma coletividade socialmente estruturada. Nessa perspectiva, a religião não se reduz a um conjunto de doutrinas ou rituais, mas constitui uma forma de mediação coletiva entre o sagrado e o profano, por meio da qual os grupos reafirmam sua coesão social (Weiss, 2012).

Desse modo, Durkheim distingue a religião de outras formas simbólicas, como a magia, argumentando que apenas a primeira é capaz de produzir vínculos coletivos duradouros e estabelecer normas compartilhadas de conduta. A religião organiza-se, assim, como uma estrutura impessoal e coercitiva que ultrapassa as vontades individuais. O culto representa, nesse contexto, um momento privilegiado de reafirmação dos vínculos sociais e fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo (Johnson, 1997). Tal interpretação conduz à compreensão de que a religião constitui também uma forma pela qual a sociedade representa a si própria. A força religiosa cultuada pelos fiéis corresponderia, em última instância, à própria força coletiva do grupo social, manifesta por meio de símbolos, rituais e representações compartilhadas. Desse modo, o caráter sagrado atribuído à religião deriva da potência moral exercida pela coletividade, que impõe normas, regula comportamentos e exige dos indivíduos determinadas formas de obediência e adesão moral (Durkheim, 2000a).

É precisamente nesse ponto que Santos e Woodhead (2018) estabelecem um diálogo com Durkheim ao categorizar a "religião como identidade". Para os autores, a religião atua como instância produtora de pertencimento coletivo, responsável pela afirmação dos laços sociais e pela delimitação simbólica das fronteiras comunitárias. Sob essa perspectiva, a religião exerce uma função integradora ao congregar indivíduos em torno de referenciais morais e afetos compartilhados. Santos e Woodhead (2018) também evidencia a permanência da influência durkheimiana ao compreender a religião como organizadora de valores sacralizados e práticas rituais capazes de intensificar emoções coletivas e reforçar compromissos sociais, contribuindo para a coesão e manutenção do grupo.

Assim a religião é concebida como produto e condição da vida coletiva: ao mesmo tempo que emerge da interação social, é também seu fundamento. Sua perda abrupta pode representar, para o indivíduo, a ruptura com um referencial normativo essencial, gerando desorientação. Durkheim (2000a) compreende, portanto, a religião como fonte de coesão e


(cc) BY-NC-SA

disciplina — um eixo simbólico difícil de abandonar sem consequências psíquicas e sociais. A ausência desse referencial pode gerar um estado de anomia, marcado pela perda de normas e pelo sentimento de desenraizamento.

O conceito de anomia foi aprofundado por Durkheim em sua obra *O suicídio* (2000b), na qual analisa os determinantes sociais do suicídio na Europa do século XIX. Ele observou taxas mais altas entre protestantes, atribuídas à valorização da autonomia individual e à fragilidade dos vínculos comunitários nesse grupo. O suicídio anômico ocorre em contextos de enfraquecimento das normas sociais e da coesão coletiva, provocando desamparo e perda de sentido. Trata-se, assim, de uma consequência de estruturas sociais que produzem baixos níveis de integração e pertencimento (Johnson, 1997).

## As Testemunhas de Jeová e o desenraizamento social

Os Testemunhas de Jeová constituem um grupo de caráter milenarista, restauracionista e não trinitário, surgido nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. A organização é amplamente reconhecida por sua estrutura teocrática fortemente centralizada, pela atividade proselitista e pela adoção de doutrinas que se distanciam de maneira significativa das formulações tradicionais do cristianismo, tanto em sua vertente católica quanto protestante (Soares, 2008).

No imaginário popular, o grupo é frequentemente classificado como “seita”, percepção associada, em grande medida, à forte coesão interna que caracteriza sua comunidade religiosa, à delimitação rigorosa de fronteiras entre membros e não membros e à relativa invisibilidade em canais midiáticos convencionais. Tais fatores contribuem para sua representação como um coletivo socialmente fechado e de difícil acesso para observadores externos.

Historicamente, esse movimento religioso teve sua origem em 1881, na cidade de Pittsburgh, Pensilvânia (EUA), a partir da atuação de Charles Taze Russell, então líder do grupo conhecido como Estudantes da Bíblia. Após sua morte, a presidência foi assumida por Joseph Franklin Rutherford, responsável por promover profundas reformulações organizacionais, consolidando a centralização do poder e o controle do sagrado por meio de uma estrutura teocrática (Soares, 2008). Tal reorganização conferiu maior coesão institucional ao grupo e impulsionou sua atuação como agente ativo no campo religioso mundial, especialmente no que se refere às disputas pelo capital religioso, conforme a perspectiva de Pierre Bourdieu (2007).


(cc) BY-NC-SA

Atualmente, segundo dados do site oficial dos Testemunhas de Jeová (jw.org), o Brasil ocupa o terceiro lugar em número de adeptos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e do México (Testemunhas de Jeová, 2025). E segundo os dados do IBGE, 1.393.208 pessoas autodeclararam-se como Testemunhas de Jeová no Brasil (dados do Censo Demográfico realizado em 2010[6]). No contexto jurídico brasileiro, a instituição é representada pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, responsável pela supervisão administrativa das atividades dos Testemunhas de Jeová no país. As congregações locais vinculam-se a essa entidade por meio de outra pessoa jurídica: a Associação das Testemunhas Cristãs de Jeová (Soares, 2008). Sendo assim, os Testemunhas de Jeová mantêm uma sede administrativa em Cesário Lange (SP) e estão organizadas em quase todo o território brasileiro, distribuídas por estados através de grupos de estudos e congregações locais.

No que se refere às principais crenças do grupo, destacam-se: (1) a defesa da adoração exclusiva a Jeová como nome próprio de Deus; (2) a rejeição da doutrina da Trindade; e (3) a ênfase na atividade proselitista como elemento central de sua prática religiosa. Além disso, a organização mantém normas rígidas de conduta moral e disciplina interna, incluindo a prática da remoção. Tal prática, também conhecida como expulsão, consiste em uma severa sanção disciplinar aplicada a um membro da comunidade, resultando em sua exclusão da congregação. Na prática, essa medida impõe o ostracismo religioso, caracterizado pelo rompimento imediato das relações sociais, de amizade e até mesmo dos vínculos familiares com os demais integrantes do grupo. Esse processo ocorre, em linhas gerais, em quatro etapas: inicia-se com a instauração de uma comissão judicativa, geralmente motivada por denúncia ou suspeita levantada pelo corpo de anciãos; segue-se o julgamento, marcado pelo interrogatório e pela avaliação do grau de arrependimento do acusado; e culmina no anúncio público da decisão à congregação.

A "Comissão Judicativa" é geralmente composta por três anciãos que possuem autoridade para investigar condutas e aplicar sanções. O processo costuma envolver uma série de perguntas detalhadas, sobretudo em casos de transgressões de cunho sexual, o que pode provocar elevado grau de exposição e humilhação para o acusado. A decisão de remover é anunciada publicamente à congregação, geralmente durante uma reunião semanal, por meio de um comunicado breve e objetivo (Mendes, 2012).

Internamente, o processo de remoção e o consequente ostracismo social são promovidos como medidas necessárias à "limpeza da organização", com o objetivo de manter sua pureza

[6] Link para acesso aos dados: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107.


(cc) BY-NC-SA

doutrinária e sua suposta superioridade moral. Qualquer desvio das normas estabelecidas é compreendido como "pecado" — uma falha grave, em oposição direta às leis de Deus. As razões mais comuns para remoção incluem a violação de regras morais e comportamentais, como o envolvimento com jogos de azar, o ingresso em instituições militares ou policiais, condutas sexuais consideradas impróprias (como fornicação, adultério e a homossexualidade), relacionamentos amorosos com pessoas de fora da organização e a participação em grupos contraculturais (Mendes, 2012).

Um dos motivos mais severamente punidos é a apostasia, termo que, no contexto interno da organização, passa a significar qualquer forma de desvio doutrinário. Isso abrange desde a leitura ou produção de textos não oficiais que questionem a doutrina até a simples manifestação de ideias consideradas divergentes. O questionamento da autoridade também é severamente condenado: o Corpo Governante, instância máxima da organização, reivindica ser o "único canal de comunicação entre Jeová[7] e os homens" e apresenta-se com autoridade equiparada à dos profetas e apóstolos bíblicos. Assim, qualquer ideia classificada como "independente" ou crítica é vista como uma violação grave, associada, inclusive, ao que chamam de influência "satânica" (Soares, 2008).

Como exemplificado no relato fictício de José, apresentado no início deste estudo, a remoção constitui um evento profundamente traumático, pois implica o banimento do convívio social, a perda de vínculos familiares e de amizades construídas ao longo de anos. O removido passa a ser tratado com completo desprezo, tornando-se socialmente invisível e moralmente impuro. O contato com ele é evitado de forma rigorosa, inclusive por familiares próximos, e a reintegração só é considerada possível mediante demonstrações contínuas de "arrependimento sincero", como frequentar reuniões em silêncio, por tempo indeterminado, até que seja concedido o reingresso (Mendes, 2012; Soares, 2008).

Essa prática institucionalizada de exclusão, aplicada pela estrutura administrativa da organização, tem como finalidade a manutenção da homogeneidade doutrinária e da obediência quase absoluta às diretrizes do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Nesse sentido, articulando tal prática às discussões acerca da função social da religião, entendida como espaço de pertencimento, construção da identidade social e integração, a remoção e o consequente ostracismo impostos ao dissidente representam, simultaneamente, a perda do reconhecimento

[7] Para a doutrina dos Testemunhas de Jeová, o nome de Deus é Jeová. Uma possível tradução do tetragrama "YHWH".


(cc) BY-NC-SA

coletivo e o rompimento com uma comunidade que anteriormente conferia sentido e legitimidade à vida social do indivíduo.

Em muitos casos, esse estado pode conduzir o dissidente a um quadro de anomia, que, conforme Émile Durkheim analisa em sua obra clássica "O suicídio", está diretamente relacionado ao suicídio anômico. A anomia, na perspectiva durkheimiana, representa uma ausência das normas sociais reguladoras da vida em sociedade, geralmente desencadeado por rupturas bruscas ou crises profundas. O suicídio anômico, portanto, ocorre em contextos em que o indivíduo se encontra privado de referências morais estáveis e de diretrizes claras para a conduta cotidiana. Não se trata de uma reação ao excesso de normas (como no suicídio fatalista), mas sim à ausência de regulação social. Nessa condição de desorientação, insegurança moral e desesperança, o sujeito perde o senso de direção e pertencimento, o que pode o levar a uma decisão trágica como o suicídio (Durkheim, 2000b).

## Trajetórias de remoção e anomia: relatos de ex-Testemunhas de Jeová

Com o objetivo de ilustrar empiricamente os conceitos discutidos ao longo deste trabalho, esta seção apresenta relatos colhidos por meio de entrevista em profundidade com ex-membros dos Testemunhas de Jeová. As entrevistas abordaram a trajetória de vida dos participantes, desde sua inserção na organização até o momento da remoção, com ênfase nas repercussões atuais do ostracismo vivido cotidianamente.

Considerando a sensibilidade do objeto investigado, bem como os efeitos de estigmatização frequentemente vivenciados pelos ex-membros dos Testemunhas de Jeová, optou-se pela não identificação da localização geográfica exata dos interlocutores da pesquisa. Tal procedimento metodológico buscou resguardar o anonimato dos participantes e reduzir possíveis riscos de reconhecimento e exposição, especialmente em virtude do caráter relativamente fechado e regulado da comunidade religiosa analisada. As entrevistas foram realizadas entre março e junho de 2025, envolvendo interlocutores residentes, majoritariamente, nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil.

Ao todo, foram ouvidos cerca de oito dissidentes. No entanto, considerando os limites de espaço e a profundidade exigida para a análise, optou-se por destacar alguns relatos que melhor evidenciam os fenômenos centrais aqui discutidos. Ainda assim, as vivências dos demais entrevistados atravessam conceitualmente este trabalho, contribuindo para a


(cc) BY-NC-SA

fundamentação das interpretações desenvolvidas ao longo da análise. Ressalta-se que os nomes utilizados foram alterados a fim de preservar a identidade dos participantes. Além disso, a pesquisa tem o aval do Conselho de Ética e todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou concederam autorização oral para participação na pesquisa, conforme previamente acordado com os pesquisadores.

As entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo Temática, procedimento metodológico voltado à identificação, sistematização e interpretação dos núcleos de sentido recorrentes, presentes nas narrativas dos interlocutores. A partir da leitura analítica do material empírico (entrevistas transcritas), foram construídas categorias temáticas relacionadas aos impactos do ostracismo religioso, dentre as quais se destacam: sofrimento psíquico, desorientação normativa, ideação suicida, controle e ruptura identitária. A recorrência dessas categorias nas entrevistas analisadas aponta para a intensidade dos processos de sofrimento social produzidos pelo ostracismo, aspecto que se evidencia nos relatos apresentados a seguir.

## O relato do casal Matheus e Eduarda

Em uma tarde ensolarada de domingo, foi realizada uma entrevista com Matheus, homem negro de 36 anos e dissidente do movimento religioso dos Testemunhas de Jeová, que integrou a comunidade religiosa do TJs por cerca de 28 anos. Matheus nasceu em uma família já vinculada ao grupo, seu pai integrava o movimento antes mesmo de seu nascimento, de modo que sua infância, adolescência e vida adulta foram moldadas pelos valores e formas de sociabilidade constituídas no interior desse universo religioso.

Logo no início da conversa, percebi certa reserva em seu comportamento. Havia uma desconfiança evidente, como se fosse difícil acreditar que alguém estivesse, sinceramente, interessado em escutar e compreender o outro lado da história — o dos dissidentes. Posteriormente, Matheus revelou que havia feito uma breve pesquisa sobre mim na internet, com receio de que eu pudesse ser uma Testemunha de Jeová infiltrada.

Esse sentimento de vigilância constante e receio do engano não foi exclusivo dele. Outros entrevistados também relataram se sentirem ainda hoje vigiados e perseguidos pela religião que, no passado, lhes ofereceu pertencimento e identidade. Em outro momento, conversei também com sua esposa, Eduarda, mulher negra de 35 anos, nascida no interior do movimento religioso das Testemunhas de Jeová e que possui grande parte de sua família


(cc) BY-NC-SA

vinculada à organização. Foi batizada aos 15 anos de idade e deixou a comunidade religiosa aos 27 anos. Durante a entrevista, compartilhou suas experiências e afetos relacionados à vivência no grupo religioso.

Antes mesmo que eu pudesse formular a primeira pergunta, Matheus comentou: "Saí de lá porque falo demais". Intrigada, pedi que explicasse o que significava "falar demais". Ele contou-me que começou a pesquisar sobre os Testemunhas de Jeová fora dos canais oficiais e, ao descobrir contradições doutrinárias, se sentiu impelido a compartilhar suas descobertas com outros membros da congregação. Esse comportamento chamou a atenção dos anciãos, que o convocaram diversas vezes para comissões judicativas para que ele explicasse o porquê das suas pesquisas e da sua divulgação entre os "irmãos"[8].

Matheus relata que, à medida que aprofundava suas pesquisas e identificava discrepâncias entre os ensinamentos do movimento religioso e o que efetivamente ocorria em sua prática interna, sua intenção inicial não era romper completamente com o grupo religioso. Seu objetivo, num primeiro momento, era apenas reduzir o grau de envolvimento nas atividades, especialmente nas exigências relacionadas à pregação e às reuniões, preservando, contudo, os vínculos familiares — sobretudo com os parentes de sua esposa, ainda integrantes ativos da organização. Ressalta-se que seu pai também permanece como membro dos Testemunhas de Jeová.

O processo de expulsão foi percebido por Matheus como precipitado e teve início quando ele confidenciou a uma amiga seu desacordo em relação às diretrizes do Corpo Governante. A informação chegou aos anciãos, que o convocaram novamente para uma audiência judicativa. Matheus recusou-se a comparecer e foi informado de que seria removido por apostasia[9]. Aceitou a decisão, mas fez questão de compartilhar sua versão dos fatos, enviando mensagens aos membros da congregação e familiares. Poucos dias depois, teve seu nome anunciado publicamente como "Matheus […] não é mais Testemunha de Jeová".

Na época, sua esposa Eduarda ainda era Testemunha de Jeová. A repercussão da remoção de Matheus recaiu também sobre ela. Alguns meses depois, enquanto estava grávida de três meses, recebeu uma mensagem da própria irmã, também Testemunha de Jeová, informando que havia sido expulsa da organização — decisão da qual ela não fora previamente notificada nem teve oportunidade de defesa. Eduarda descreve essa experiência como

[8] Os Testemunhas de Jeová, assim como os evangélicos, acreditam que todos são irmãos através da morte de Cristo.

[9] Para os Testemunhas de Jeová, apostasia é o abandono ou a oposição ativa aos ensinos e à organização que eles consideram a "adoração verdadeira de Jeová".


(cc) BY-NC-SA

profundamente traumática: “Decidiram sobre a minha vida sem que eu estivesse lá. E com isso sou ostracizada até hoje.” O rompimento abrupto com a mãe e a irmã, que antes ocupavam um papel central em sua vida, desencadeou um quadro de sofrimento intenso e episódios depressivos. “Até hoje eu não sei nem me vestir diferente deles… foi uma vida inteira”, comentou. Ao tocar no tema do suicídio — algo que não foi perguntado diretamente, mas emergiu espontaneamente — Eduarda afirmou: “Minha filha me salvou do pior que eu poderia ter feito comigo mesma”.

Quando questionei Matheus sobre como se sentiu após a saída, ele respondeu: “Fiquei perdido, sem rumo, sem saber como caminhar”. Crescido dentro da organização, viu-se, de uma semana para outra, isolado, completamente: amigos e familiares deixaram de o cumprimentar; e o silêncio passou a ocupar o espaço antes preenchido por vínculos afetivos. Afirmou que o sofrimento da esposa, ainda mais conectada à sua família, é o que mais o afeta. A filha do casal, segundo ele, sequer conheceu a própria tia. Matheus conclui: “Tem gente que faz loucura, sabe? Mas nós tínhamos um ao outro. E a nossa filha que estava pra nascer”.

A história de Matheus e Eduarda evidencia os efeitos psíquicos e sociais da remoção e consequente ostracismo enquanto ruptura violenta com a estrutura de pertencimento e identidade. Ambos experimentaram, em diferentes graus, um estado de anomia, no sentido durkheimiano do termo: uma súbita ausência das referências morais e reguladoras que antes orientavam suas condutas e relações. A imposição da norma religiosa de romper laços com os removidos, incluindo familiares próximos, criou um vácuo normativo, expondo o casal a um estado de desorientação social.

A experiência de Matheus ilustra a perda de regulação que precede e sucede a remoção. Sua dedicação inicial e o desejo de apenas “reduzir o grau de envolvimento”, em vez de romper com o grupo, indicam como a religião exerce um papel integrador e fundamental na vida social; mesmo discordando, permanecer participando dessa estrutura religiosa mostra-se essencial para seu próprio reconhecimento social. Entretanto, por “falar demais” — isto é, pesquisar e divulgar contradições doutrinárias fora dos canais controlados pela organização — representou um desafio direto à autoridade e à estrutura de crenças coletivas que Émile Durkheim (2000a) compreendia como fundamentais para a coesão social. A recusa de Matheus em comparecer à comissão judicativa e sua subsequente expulsão por “apostasia” marcam a desintegração de um corpo moral que anteriormente o definia.

Sendo assim, as falas que tangem pensamentos suicidas não devem ser lidas como simples manifestações individuais de sofrimento, mas como expressões de um contexto de


(cc) BY-NC-SA

desregulação coletiva. Nesse sentido, a experiência de Matheus e Eduarda pode ser associada tanto a ideações de suicídio anômico quanto a ideações de suicídio egoísta, conforme a tipologia proposta por Émile Durkheim. O suicídio egoísta decorre de um déficit de integração social: o indivíduo encontra-se isolado, privado de vínculos comunitários significativos, e experimenta a ausência de pertencimento a um grupo que lhe forneça sentido existencial, apoio moral e orientação coletiva. Já o suicídio anômico resulta de um déficit de regulação social, caracterizando-se pela desorientação subjetiva gerada pela fragilidade ou colapso das normas sociais especialmente em contextos de mudança súbita ou ruptura estrutural, nos quais há um descompasso entre as aspirações individuais e os limites impostos pela realidade social (Durkheim, 2000b).

Adicionalmente, o que chama atenção nas trajetórias de Eduarda e Matheus é o longo período de permanência no interior do movimento religioso — mais de vinte anos —, considerando que ambos nasceram e foram socializados desde a infância dentro dessa cosmovisão religiosa. Tal elemento evidencia um processo contínuo de formação subjetiva mediado pelas estruturas normativas e simbólicas da comunidade.

A partir de Santos e Woodhead (2018), é possível compreender essa permanência duradoura por meio da categoria "religião como identidade", na qual a religião deixa de ocupar apenas o campo da crença para constituir-se como dimensão organizadora do próprio eu social. Assim, uma das consequências da expulsão — o ostracismo religioso — é a produção de efeitos de desregulação normativa (anomia), bem como a perda, ainda que temporária, de uma identidade social. O isolamento imposto pela comunidade religiosa após a remoção compromete profundamente os laços afetivos e identitários dos indivíduos, situando-se aí, portanto, a lógica do suicídio egoísta, tal como conceituada por Durkheim.

## O relato de Rosana

Rosana foi criada "na verdade"[10], mulher branca, de 40 anos, permaneceu por cerca de 30 anos no interior do movimento religioso dos Testemunhas de Jeová. Filha de mãe e irmãos também vinculados à organização, sua socialização, desde o nascimento, esteve profundamente imersa nas práticas, valores e expectativas da congregação. Desde cedo, no entanto, sua postura

[10] Expressão utilizada pelos Testemunhas de Jeová para referirem-se àqueles que nasceram já inseridos na comunidade religiosa.


(cc) BY-NC-SA

questionadora a colocava em confronto com a autoridade doméstica e religiosa. “Eu até baixava a cabeça, mas antes eu batia de frente”, relembra. Esse comportamento lhe custava severas punições físicas por parte dos pais, sobretudo do pai, figura que ela descreve como violenta e intransigente.

Como muitas mulheres criadas nesse universo, Rosana teve seu percurso educativo limitado. Contou que, por orientação da comunidade, não ingressou no ensino superior. Optou por “subempregos” — termo que ela própria utilizou — que lhe permitissem dedicar tempo à atividade de “pioneira regular”, função de proeminência dentro da organização voltada à evangelização porta a porta. “A gente não podia ter ambição. A ambição era servir a Jeová”, relatou.

No anseio de ser aceita e respeitada no meio congregacional, Rosana casou-se ainda jovem com um homem que ocupava o cargo de ancião — posição de liderança e prestígio dentro da estrutura organizacional dos Testemunhas de Jeová. Contudo, o casamento rapidamente se revelou um espaço de sofrimento. Embora apresentasse uma imagem doce e zelosa diante da congregação, seu esposo mantinha, em casa, comportamentos agressivos e violentos. “Ele me batia, gritava, me humilhava”, afirma. Em busca de apoio, Rosana levou aos anciãos locais um áudio com ameaças feitas pelo marido. “Eles ouviram e disseram que aquela voz não era dele. Disseram que eu estava exagerando”.

A desconfiança da liderança e a constante invalidação de sua dor agravaram o quadro emocional de Rosana, que passou a sofrer intensas crises de ansiedade. O ponto de ruptura veio com a descoberta de uma traição conjugal, fato que, mais uma vez, não foi levado a sério pelo corpo de anciãos. Apesar disso, sua intenção inicial era apenas se divorciar, não se afastar da religião. “Eu ainda lia a Bíblia, estudava as publicações. Ainda acreditava”, contou. No entanto, à medida que foi sendo ignorada e silenciada, começou a perceber inconsistências nas doutrinas e nas constantes reformulações dos ensinos, que, segundo ela, visavam a atender a interesses logísticos e financeiros da organização.

Mesmo sem ter passado formalmente por uma comissão judicativa — procedimento disciplinar que poderia levar à remoção —, Rosana já experimentava o ostracismo por parte da comunidade. A difamação promovida pelo ex-marido aliada à ausência de acolhimento institucional levou-a a um estado de profundo desamparo, o que a motivou a se mudar da cidade em busca de oportunidades de trabalho. Estava sem amigos e familiares, tendo de criar novos laços afetivos em meio aos seus 40 anos de idade. Ela disse: “Me senti perdida, sem direção,


(cc) BY-NC-SA

solta no mundo, e, como consequência disso, tentei tirar a minha vida, me arrependo profundamente".

Após esse episódio, com ajuda psicológica, ela decidiu reconstruir sua trajetória. Redigiu de próprio punho uma carta endereçada aos anciãos comunicando sua decisão de desligar-se oficialmente da religião. A partir de então, criou um grupo de apoio a dissidentes com foco especial em mulheres que, como ela, saíram da organização em meio ao desespero e à sensação de desorientação. "A gente sai, mas a dor vem junto. Por isso eu quis criar um espaço onde elas pudessem ser ouvidas. Onde a gente possa existir".

A experiência de Rosana evidencia de forma contundente os efeitos do rompimento com um sistema religioso totalizante sobre a vida individual e social. À luz da teoria sociológica de Émile Durkheim, sua trajetória pode ser compreendida como a de uma pessoa que, ao ser privada das normas e dos vínculos que deram sentido à sua existência, vivenciou um processo profundo de anomia.

Para Rosana, a perda progressiva de legitimidade dentro da congregação — iniciada antes mesmo de qualquer desligamento formal — a expõe a um vazio normativo. O ostracismo religioso, manifestado inicialmente por meio da indiferença, das fofocas e da rejeição por parte da comunidade, opera como uma forma de sanção moral difusa. A ausência de um processo oficial (como a comissão judicativa) não impediu que o grupo atuasse de forma disciplinar, mobilizando o silêncio, o isolamento e a deslegitimação como mecanismos de controle social. Ela experienciou, na prática, o funcionamento do poder disciplinador e sua dimensão difusa, que opera por meio da internalização das normas e da vigilância mútua exercida entre os próprios membros da comunidade (Foucault, 2021).

Esse afastamento e vigilância não apenas rompeu vínculos sociais, mas desestruturou a lógica que organizava sua vida cotidiana e moral. A religião, conforme Durkheim (2000a) compreende, não se restringe a um conjunto de crenças sobrenaturais, mas, sim, está centralizada na vida humana e assim regula comportamentos, orienta condutas e confere sentido à existência por meio da pertença a uma comunidade moral. A exclusão desse sistema, especialmente quando vivenciada por alguém que foi socializada desde a infância nos seus valores, provoca uma quebra simbólica profunda, um colapso do universo de sentido.

A tentativa de suicídio relatada por Rosana pode ser lida, nesse contexto, como expressão de um suicídio anômico, tal como formulado por Durkheim (2000b). Esse tipo de suicídio ocorre em situações em que os indivíduos são repentinamente desancorados de suas estruturas normativas, sentindo-se perdidos e desorientados diante da ausência de regras


(cc) BY-NC-SA

estáveis. Trata-se de um sintoma social. O colapso das referências religiosas combinado à rejeição do grupo e à ausência de reconhecimento institucional de sua dor, insere Rosana nesse estado de desamparo normativo, característico da anomia.

Além disso, a análise durkheimiana permite compreender que, quando uma comunidade religiosa exerce pressão social e preventiva, isto é, mesmo antes da oficialização do desligamento, ela revela o papel da religião enquanto força reguladora e coercitiva. A autoridade moral não reside apenas nos dogmas ou líderes, mas na própria coletividade, que internaliza as normas e as reproduz por meio de práticas disciplinares cotidianas, como o silêncio, o afastamento e a culpabilização da vítima. Isso evidencia que, para além das sanções institucionais, o pertencimento religioso é regulado por dispositivos morais coletivos que operam de maneira simbólica, porém extremamente eficaz (Weiss, 2012).

Assim, a trajetória de Rosana ilustra a importância da religião, na perspectiva de Durkheim, como fundamento da vida social e individual. Quando esse alicerce é abruptamente desfeito, o indivíduo pode ser lançado em uma situação-limite, na qual os sentidos que sustentavam a ação e o pertencimento deixam de operar.

## Considerações finais

O presente estudo possibilitou compreender como o processo de remoção dos Testemunhas de Jeová e o consequente ostracismo constituem um mecanismo de regulação social que, ao promover o isolamento dos indivíduos dissidentes, gera profundas consequências subjetivas e emocionais. À luz dos conceitos sociológicos de Émile Durkheim (2000b), os relatos analisados revelam um quadro característico de anomia: a súbita ausência de normas e referências reguladoras que antes estruturavam a vida cotidiana e conferiam sentido à existência. Os casos apresentados, os de Mateus, Eduarda e Rosana, demonstram que, diante do colapso normativo, os indivíduos experienciam um estado de desorientação que pode desencadear sintomas psíquicos graves, incluindo ideações suicidas.

Ressalta-se que tais manifestações não devem ser compreendidas apenas como desvios individuais, mas como efeitos sociais de um sistema altamente disciplinador cuja lógica punitiva opera tanto de forma institucional quanto difusa, por meio da coletividade. Sendo assim, este modesto estudo não se propõe apenas a discutir teoricamente o ostracismo religioso, mas a lançar luz sobre os impactos concretos das práticas excludentes promovidas por grupos


(cc) BY-NC-SA

de estrutura centralizadora. Ao trazer à tona as vozes dissidentes, não se realiza apenas um exercício metodológico, mas um gesto ético e político de escuta e reconhecimento — reconhecimento da dor, da ruptura simbólica e da resistência cotidiana daqueles que, atravessados pela anomia, ainda buscam reconstruir os sentidos de sua própria existência.

É fundamental destacar que, embora marcados por experiências de anomia e por episódios de intensa vulnerabilidade psíquica — incluindo ideações suicidas —, esses sujeitos não apenas sobreviveram ao vazio instaurado pelo rompimento, mas seguem, dia após dia, resistindo às violências do ostracismo que se perpetuam no cotidiano. Ao longo da leitura de Durkheim e de sua formulação acerca da anomia, emergiu, quase inevitavelmente, a memória do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade. O poema parece condensar, em linguagem sensível, a experiência social daqueles que se veem abruptamente privados dos vínculos e sentidos que anteriormente organizavam suas existências. A pergunta "E agora?", que atravessa o poema, aproxima-se da condição vivida por sujeitos que, após o rompimento com a comunidade religiosa, passam a habitar uma espécie de vazio normativo e afetivo.

Tal como no poema de Drummond, resta o movimento — ainda que hesitante, ainda que sem direção:

> Se você gritasse / Se você gemesse / Se você tocasse / A valsa vienense / Se você dormisse / Se você cansasse / Se você morresse… / Mas você não morre / Você é duro, José! / Sozinho no escuro / Qual bicho-do-mato / Sem teogonia / Sem parede nua para se encostar / Sem cavalo preto / Que fuja a galope / Você marcha, José! / José, para onde? (Andrade, 1942).

Essa pergunta que habita o limiar do não-mais e do ainda-não é justamente o terreno fértil onde a anomia se instala. Uma espécie de suspensão entre o que foi destruído e aquilo que ainda não se pôde reconstruir.


(cc) BY-NC-SA

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. 1942. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/09/JOS%C3%89.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107. Acesso em: 1 jul. 2026.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo Social**, [*s. l.*], v. 20, n. 2, p. 235-255, 2008. DOI: 10.1590/S0103-20702008000200012.

MENDES, Estevam. **Quebrando as regras**: um estudo sobre Testemunhas de Jeová desassociadas. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PERDIGÃO, Elaine Rodrigues; SINDER, Valter. Etnografia e ficção em perspectiva. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 411-425, 2017. DOI: 10.12957/irei.2017.32018.

SANTOS, Ricardo Assarice dos; WOODHEAD, Linda. Cinco conceitos de religião. **Último Andar**, [*s. l.*], n. 32, p. 181-215, 2018. DOI: 10.23925/1980-8305.2018i2p181-215.

SOARES, Esequias. **Testemunhas de Jeová**: a inserção de suas crenças e práticas no texto da tradução do novo mundo. São Paulo: Hagnos, 2008.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Informações sobre as Testemunhas de Jeová**. Disponível em: https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/worldwide/BR/. Acesso em: 9 jul. 2025.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 13, n. 22, p. 95-119, 2012. DOI: 10.22456/1982-8136.36520.


(cc) BY-NC-SA

***CRediT Author Statement***


- **Reconhecimentos**: Gostaria de agradecer ao apoio da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- **Financiamento**: Não há financiamento para a pesquisa em questão.
- **Conflitos de interesse**: Não há conflitos de interesse.
- **Aprovação ética**: Trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- **Disponibilidade de dados e material**: Os dados e materiais utilizados não estão disponíveis, pois, seu uso se restringe a análise em pesquisa científica.
- **Contribuições dos autores**: Construção e revisão do artigo feita pelos dois autores.


**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação**
Revisão, formatação, normalização e tradução


(cc) BY-NC-SA